

# Journal do Domingo

DIRECTOR LITTERARIO—MANUEL PINHEIRO CHAGAS

ASSIGNATURA

50 réis á entrega nas localidades onde houver correspondentes; nas outras localidades de

PORTUGAL, ILHAS E ULTRAMAR:

Anno on 52 numeros, 2\$500 réis; Semestre on 26 numeros, 1\$300 rs.; trimestre on 13 numeros 700 rs.; avulso 60 rs.

— ANNO II — 4 DE JUNHO DE 1882 — N.º 15 —

GERENTE-PROPRIETARIO—AUGUSTO DE SAMPAYO GARRIDO

Lisboa—Travessa do Monte do Carmo, 38, 2.º

ASSIGNATURA

BRAZIL

Anno on 52 numeros, 7\$000 réis; semestre on 26 numeros 4\$000 rs.; trimestre on 13 numeros 2\$000 rs.; avulso 200 rs.

São agentes da empresa no Rio de Janeiro os srs. **Lima & Faro**, Rua do Ouvidor.



UMA TERNA COMUNICAÇÃO

## SUMMARIO

GRAVURAS.—Uma terna communicação. Fachada da egreja d'Edam. Os mensageiros japonezes. Riqueza e pobreza. A dupla surpresa (gravura do romance).

TEXTO:—Actualidades, por Tekel. As nossas gravuras, por P. C. Horas d'ocio. Uma noite nas nuvens, traducção de Julio de Magalhães. Uma visão, por Cesar de Lacerda. Um passado tenebroso (romance.)

## ACTUALIDADES

Lisboa está sem governador civil, e, diga-se a verdade, está muito bem. Se isto continua por mais uns dias, eu acredito que o lugar é supprimido por se reconhecer a sua completa inutilidade—mais—quanto é nociva a sua existencia.

Desde que o sr. Arrobas pediu a demissão tem estado tudo n'um socego que até faz gosto ver—ninguem canta a *Marselhesa*, ninguém levanta vivas á Republica,—um cunho de tranquillidade!

Se ao governo convem que este bom estado se prolongue, bom remedio—não nomeie governador civil—desapparece uma verba no orçamento da despesa, e ao mesmo tempo, o que é muito mais importante—desapparece a hydra.

Está provado que ella, a hydra, para viver, para medrar, o que precisa, acima de tudo, é de um governador civil. D'isso come e d'isso bebe. Mas, se lhe tiram este pratinho, pobre e desgraçada hydra, emmagrece, definha, morre!

Portanto, o governo já sabe o que deve fazer:—se quer hydra, nomeie governador civil,—se não quer, não nomeie.

Se no *Jornal do Domingo* se desse curso a boatos politicos, eu, só com os que tem corrido a respeito do sr. conselheiro Arrobas enchia as suas oito paginas.

Diz-se:

—Que S. Ex.<sup>a</sup> reassume as funcções do seu cargo;

—Que é nomeado ministro da marinha;

—Que é nomeado ministro do reino;

—Que abandona o partido regenerador indo para o constituinte;

—Que vai ser nosso ministro em S. Petersburgo, ou em Monaco, não estou bem certo.

—Etc., etc., etc.

Mas o mais extraordinario não é isto.

Lê a gente n'um jornal—o digno par Manuel Vaz Preto offerceu um jantar ao sr. conselheiro Arrobas—e nós:—ficamos silentes. Pois ficamos muito mal. No dia seguinte lê-se:—Não é verdadeiro o jantar do digno par Manuel Vaz ao sr. conselheiro Arrobas.

Eu, em jornal meu não fazia semelhantes rectificações.

O sr. Arrobas, para o publico, tinha comido o jantar—obrigal-o depois a *restituir*,—como dizia o conselheiro Acacio fazendo o gesto—nunca!

Ha, porem, melhor:

—Lê se n'uma folha: o sr. Arrobas partiu hontem para o Bussaco—Fez elle muito bem, commentamos nós. Deve estar lindo o Bussaco, a brisa, a relva, o luar, o rouxinol...

E, ao tempo que fazemos todas estas considerações, atravessamos a rua do Ouro—distrabidos, muito distrabidos—de repente—zás!—damos um encontro em alguém—perdão!—exclamamos olhando para o sujeito victima da nossa distracção.

Esse sujeito, já o adivinharam... é o sr. conselheiro Arrobas!

E aqui tem como s. ex.<sup>a</sup> se vae tornando, apesar de toda a sua corpulencia,—n'um ente phantastico.

Como se sabe os phantasmas, por via regra, são magrotes.

\* \* \*

Deixando o sr. Arrobas que por um pouco nos não rouba todo o espaço de que podemos aqui dispor, vamos dar uma boa nova ao nossos leitores brasileiros.

A estas horas deve o *Orenoque* ir por esse oceano fora caminho do Brasil, levando a seu bordo um nosso excellente amigo, José de Mello, que vae estabelecer no Rio de Janeiro uma succursal da casa editora David Corazzi.

Este nome é decerto bem conhecido dos leitores. David Corazzi é hoje o primeiro editor portuguez, e um dos que mais relevantes serviços tem prestado ás letras e á instrucção. A *Bibliotheca do Povo*, excellente collecção de pequenos volumes de sciencia e historia, tornou o seu nome popularissimo tanto em Portugal como no Brasil. O povo, a grande massa, tem ali muito que aprender.

De quem agora, porem, queremos fallar, é do seu administrador, de José de Mello, que em breves dias deve desembarcar na capital do imperio brasileiro.

José de Mello tem sido o constante companheiro de David Corazzi, e a elle se deve, em grande parte, a prosperidade d'esta sympathica empreza editora. Accedendo aos desejos do seu amigo vae agora pôr-se á testa de uma livraria onde figuram principalmente os volumes editados pela casa Corazzi.

A vasta intelligencia de José de Mello, a sua provadissima competencia em tudo quante diz respeito a livros, a sua nunca desmentida probidade, são outras tantas garantias de feliz exito para o estabelecimento que vae administrar.

Que José de Mello encontre no Rio de Janeiro a felicidade de que o tornam merecedor as suas excellentes qualidades, é o que sinceramente deseja mos.

\* \* \*

—Ainda agora reparamos que não fallamos n'esta chronica do que mais deviamos fallar: da morte de Garibaldi.

É tarde para o fazermos.

Como epitaphio já elle tem a phrase de Victor Hugo—Foi mais que uma morte. Foi uma catastrophe.

Quem tem esta phrase pode bem dispensar... um necrologio feito por mim.

TEKEL.

## AS NOSSAS GRAVURAS

## Uma terna communicação

O desenho é encantador, essas risonhas physionomias, apesar de terem uma semelhança notavel com outras de um quadro do mesmo author que já demos no *Jornal do Domingo*, e que se intitulava *As cerejas*, são incontestavelmente deliciosas, mas ha uma coisa em que não podemos concordar de forma alguma—é no titulo! Uma terna communicação! Desculpe-nos o sr. Bourcé, mas ninguém o dirá. Que passe na rua o namorado de uma d'ellas, que as não veja e que ellas se estejam rindo da tranquillidade descuidosa com que elle vae passando e da cara surprehendida, que fará quando se voltar, isso pôde ser perfeitamente, mas que uma d'ellas esteja escutando meio rindo, meio pensativa, como diz um dos commentadores d'este quadro, a revelação que lhe

faz a outra, plenipotenciaria de certo de algum apaixonado tímido, isso é o que nem por sombras se adivinha, olhando-se para o quadro. Que importa? O que é certo e que difficilmente se poderiam encontrar duas physionomias de mulher, mais juvenis, mais frescas, mais risonhas e mais gentis. Que importa o que dizem uma á outra? Que importa que seja uma terna communicação, ou uma observação maliciosa? Pois nós, se passassemos na rua e as vissemos á janella, essas duas travessa flamengas, iriamos perder o nosso tempo a adivinhar o pensamento que lhes descerrava as romãs dos labios, e entre-mostrava as perolas dos dentes? Não de certo, contentavamo-nos com o termos tido essa rapida e graciosa visão, e levariamos por muito tempo na mente a impressão suavissima d'esses frescos rostinhos onde palpita a primavera. Junte-se agora a essa impressão a impressão artistica, quer dizer a sensação de prazer que nos atravessa o espirito ao vermos reproduzida com tanta verdade a expressão complexa do rosto de uma das raparigas, e veremos que perante essa obra formosissima é perfeitamente dispensavel a discussão do assumpto. Quer o author que seja uma terna communicação? Pois seja.

## Fachada da egreja d'Edam

Não ha com certeza mais extraordinario specimen de egreja do que este que apresentamos hoje aos nossos leitores.

Edam, cidade e porto da Hollanda septentrional, povoada de cerca de cinco mil habitantes, está situada ao pé do Zuyderzee a vinte kilometros de Amsterdã; apesar de ser conhecida pelo fabrico dos seus queijos, está hoje muito decaida da sua antiga prosperidade, porque teve outr'ora uma população de mais de vinte e cinco mil almas.

O vasto e bello monumento, de que damos uma vista, foi elevado por ordem dos condes de Hollanda e acabou nos primeiros annos do seculo XV. Offerece tres naves de altura e de largura equal; as suas notabilissimas vidraças datam do principio do seculo XVII, e são um presente das principaes cidades da Hollanda, cujas armas figuram pintadas no vidro. Magnificas alamedas de arvores centenarias formam em torno do templo um novel baluarte de copas verdejantes.

## Os mensageiros japonezes

Este individuo, que a nossa gravura representa, é uma reliquia do tempo antigo. Agora ha no Japão caminhos de ferro e telegraphos, correios á europêa e todas as innovações da moderna civilisação. Os japonezes podem hoje dizer-se completamente felizes; tem *Pimpões*, deficit, armamento moderno, peças Krupp, leis copiadas dos codigos francezes, amannenses, casacas e todas as bellezas emfim de um regimen europeu muito nosso conhecido. Lamentamos esses nossos companheiros de infortunio e de civilisação. Quando tinham estes *djen-riki*, vestidos com a simplicidade que a nossa gravura representa, correndo por montes e valles, á razão de 5 kilometros por hora, sem parar senão no terminus da sua carreira, recebiam sempre a tempo as suas cartas. Agora tem provavelmente carteiros de bonet de pala, ambulancias postaes, direcções, repartições e secções. Está o serviço admiravelmente organizado, e recebem em Yedo as cartas que são enviadas para Yokohama e em Yokohama as que são enviadas para Nangasaki.

## Riqueza e pobreza

Quantas vezes tem procurado a arte dar a impressão d'estes contrastes pungentes! De quantas formas

se tem servido para isso! O author do quadro, que a nossa gravura representa, encontrou ainda uma formula nova. Duas crianças, devoradas de fome, transidas de frio, espreitam pela janella de uma cosinha subterranea, enquanto á porta do palacio uma caruagem espera as crianças ricas e felizes que vão sair, bem abafadas nas suas pelissas, com o estomago bem conchegado, para irem assistir a alguma festa esplendida, a alguma receita deslumbrante, e as outras, as desfavorecidas da fortuna, espreitam avidamente a farta cosinha, d'onde esperam que se lhes atirem alguns sobejos que serão a sua lanta ceia.

Diante d'este quadro melancolico, lembram naturalmente os formosos versos de Castilho:

Á porta d'esse nobre  
não vejo eu bater um pobre,  
que o vento cruel descobre  
das rotas vestes subitís?

E não e elle um menino?  
Não vaga sem luz, sem tino,  
ludíbrio de atroz destino  
por entre tanto folgar?  
Vem-lhe o estrondo dos folgares,  
vem-lhe o cheiro dos manjares,  
e entre tantos ricos lares  
não encontra aberto um lar!

P. C.

### HORAS D'OCIO

Metagramma—Amphiguri

Não, não foi estando na...  
Nem tambem pela sua...  
Que ganhou eterna...  
Este nosso immortal...  
Não ficaria na...  
Pois sendo quasi de...  
Já pensava pela...  
No que fez Scipião em...

JUANITO.

#### Problema geometrico

Dividir com tres traços de lapis um circulo em oito partes.

EUCLIDES.

#### Quadrado magico

N'um quadrado de 36 cascas, 6 de cada lado, collocar os primeiros 36 numeros de forma tal que, sommados horizontalmente, verticalmente e diagonalmente, dêem sempre 111.

TENIERS.

#### Soluções dos problemas do n.º 12

*Salto de cavallo.*—As mulheres bonitas, que são importantes e tristonhas, parecem cervas de alabastro, cheias de vinagre.

DIóGENES

*Pergunta indiscreta.*—A Custodia, porque está sempre na egreja.

#### Palavras em triangulo

a  
ara  
aram  
arama  
e

#### Soluções certas

*Salto de cavallo.*—Simão XL, Hercules e Omphale (Pombal), Aydé (Vizeu), A. Marques Guedes (Vizeu), Elisa Basto, Ociosos de caçadores 4 (Tavira), Juanito, Teniers (Santarem) Euclides, Monge de Oseiras (Pitões de Junias), Edipo, Vasco (Coimbra), Benedicta Barros (Setubal) Botão de Rosa (Evora), B. C. (Vianna do Castello).

*Pergunta indiscreta.*—Elisa Basto, Teniers (Santarem), Monge de Oseira (Pitões de Junias), B. C. (Vianna do Castello).

*Palavras em triangulo.*—Elisa Basto, Ociosos de caçadores 4 (Tavira), Juanito, Teniers (Santarem) Euclides, B. C. (Vianna do Castello), Edipo, Vasco (Coimbra).

*Nota.*—Reservamos para o proximo numero a solução dos problemas arithmeticos.

## UMA NOITE NAS NUVENS

POR

EMIL SOLVESTRE

VERSAO PORTUGUEZA

DE

JULIO DE MAGALHÃES

I

(Continuado de pag. 112)

De repente, porém, o balão, que até então continuára a descer, pareceu parar por um momento, e começou a subir de novo, impellido por uma brisa. Os dois irmãos saltaram um grito de desespero, inclinaram-se sobre a borda da barquinha, e estenderam os braços instinctivamente para a sua casinha, que tinham debaixo dos pés.

—Meu Deus, meu Deus! exclamou Florencia desolada. Não haverá meio nenhum de tornarmos a descer?

—Ha um, replicou Loffman, mas é perigoso.

—Embora! pronunciou Ritter vivamente. Antes um grande perigo, do que esta agonia lenta, que nos faz soffrer mil mortes...

—Pois bem! empreguemos o supremo recurso... tornou Christiano Loffman.

E, lançando mão do páu ferrado, que tinha junto de si, levantou-o no ar e furou com elle o involuero do balão.

O aerostato pareceu soltar uma especie de suspiro, e agitou-se durante um momento convulsivamente, como um ente animado, que houvesse recebido um ferimento. O gaz começou a fugir impetuosamente pela abertura, que acabava de ser feita; o balão voltou immediatamente a descer, e agora com uma rapidez vertiginosa, como se fôra tim qualquer côrpo pesado, que tivesse cahido das nuvens.

Os tres viajantes, aterrorisados e aturdidos, cerraram os olhos...

Por fim ouviram o aspero ruido de uma especie de rasgamento, o qual foi seguido de um abalo violentissimo... Os tres viajantes levantaram a cabeça com terror, e olharam em redor de si... O balão ficara suspenso nos ramos de um arbusto, e a barquinha balançava-se agora a poucos pés de distancia da terra...

III

N'esse mesmo dia ao pôr do sol, Christiano Loffman e Miguel Ritter estavam encostados ao parapeito de uma janella, em uma casa edificada no alto de uma pequena encosta. Era ali a habitação dos irmãos Ritter, para onde Miguel conduzira o seu companheiro de viagem, logo depois de saltarem em terra firme.

Nas primeiras horas os dois irmãos não tinham pensado senão em se regosijar pela felicidade com que terminára a viagem dos dois aeronautas. Passadas, porém, que foram aquellas expansões de jubilo, Miguel Ritter começou de novo a lembrar-se de que tinha gravemente ameaçados os seus interesses, e a fazer mentalmente varias supposições sobre qual poderia ser o veredictum dos juizes no seu processo.

Apoiado sobre o peitoril da janella, o irmão de Florencia ficava de espaço a espaço silencioso e como absorto em meditação profunda. De subito Christiano, cujo olhar errava pelos campos, voltou-se para elle e perguntou-lhe:

—Até onde se estende a sua propriedade, sr. Ritter?

Miguel estremeceu, como se estas palavras lhe

houvessem denunciado o pensamento secreto do seu hospede.

—Ah! quer saber qual a porção de terra, que ha de vir a pertencer-lhe?... disse elle com uma tal ou qual expressão de amargura.

—Affirmo-lhe sob palavra de honra que não pensei n'isso, sr. Ritter... replicou Loffman evidentemente perturbado.

—Não precisa córar por tão pouco, tornou Miguel: ambos nós temos confiança nos nossos direitos. Vou mostrar-lhe os limites da propriedade.

E começou a designar-lhe os campos, os prados, e as matas, que a compunham.

—É uma propriedade magnifica, e muito bem tratada, observou Christiano.

—Tenho sempre dedicado á sua conervação e engrandecimento os mais assiduos cuidados. Tinha ainda em mente muitos outros melhoramentos, que haviam de duplicar o valor da propriedade, mas... quem sabe quantos dias me restam para viver aqui?... Talvez mesmo me não pertença já a terra, em que tenho os pés...

No momento em que Miguel pronunciava estas palavras, entrou Florencia. Parecia perturbada, e trazia entre os dedos uma carta em que se via a marca do correio de Manheim.

—É do sr. Littoff? perguntou Miguel Ritter perdendo a cór.

—É, sim... respondeu a donzella.

—Então foi já pronunciada a sentença, e vamos saber o que os juizes decidiram.

E estendeu a mão para pegar na carta. Florencia, porém, apertou entre as suas aquella mão tremula, e, lançando um tímido olhar para Christiano Loffman, disse:

—Ah! seja qual fôr a sentença, supplico-lhes que não se esqueçam de que em um momento solemne renunciaram ao odio...

—A carta! dá-me a carta! interrompeu Miguel com agitação.

A donzella recuou um passo.

—Não, não, disse ella mais vivamente. Só a entregarei, depois de ambos prometterem submitter-se sem rancor ao que houver sido decidido pelos juizes.

E, apontando para o arbusto de que ainda pendiam os restos do balão, acrescentou:

Recordem-se da horrorosa noite que passamos nas nuvens!

Ritter e Loffman entrecolharam-se. Seguiu-se um rapido momento de hesitação, e por fim estenderam um ao outro as mãos.

—Teus razão, irmã querida! exclamou Miguel Ritter. Não se dirá, que só o perigo teve o poder de abrir os nossos corações á misericórdia! Christiano Loffman: a nossa inimidade foi pelos ares... Seja qual fôr a sentença, que esta carta me annuncia, declaro que a acceitarei resigna lo e sem colera.

—Eu, acrescentou Christiano, embora essa sentença constitua a ruina de todas as minhas esperanças, hei de bem dizel-a por me haver proporcionado um amigo.

Florencia entregou então a carta a Miguel Ritter, que a abriu com mão firme, e a percorreu rapidamente com o olhar. Logo que concluiu a leitura, perdeu um pouco a cór. A donzella fez um movimento.

—Está em sua casa, sr. Christiano Loffman, disse Miguel Ritter voltando-se para o mancebo.

—Decidiram então os juizes o pleito em meu favor?! exclamou Christiano, em cujo olhar brilhou um rapido relampago de alegria.

— Eis a sentença.

Christiano pegou no papel que Ritter lhe apresentava.

— A propriedade, em que nos achamos, pertence-lhe, sr. Christiano Loffman, continuou o irmão de Florencia.

ficar n'ella como inimigo! continuou Christiano. O homem, que tão generosamente me recebeu aqui, designará um arbitro para regular os nossos direitos...

— Um arbitro! murmurou Miguel Ritter commovido. Que arbitro poderia eu escolher?...

tornando assim facil a partilha de todos os nossos bens...

— De que modo? perguntou Miguel.

— Dando-me o direito de chamar irmão a Miguel.

O irmão de Florencia olhou sorrindo para ella, como para a interrogar com o olhar...



UMA FACHADA DA EGREJA D'EDAM

— Uma propriedade não vale a felicidade de ter um bom amigo! replicou Loffman rasgando a sentença.

Ritter olhou para elle com surpresa; Florencia juntou as mãos.

— Entrei n'esta casa como hospede, não quero

Christiano Loffman voltou um expressivo olhar para a formosa Florencia, que baixou os olhos ruborisada. Em seguida estreitando entre as suas a mão do irmão da donzella, replicou:

— O anjo, que fez nascer a amizade entre nós, pôde estreital-a mais ainda e fazel-a eterna,

A donzella, ruborisada e confusa, lançou-se nos braços do irmão, ao mesmo tempo que estendia a mão a Christiano Loffman.

FIM

UMA VISÃO

A morte do illustre bahiano — o coronel Galvão, um dos grandes vultos da guerra do Paraguay.

Meia noite soava e reclinado  
 No brando leito, adormeci tristonho.  
 Sonhando lembrava essas batalhas  
 Em que o dever é lei, a honra o guia  
 No soldado leal e destemido  
 Do Imperio do Cruzeiro.  
 Via as phalanges perpassar ousadas  
 N'esse terreno conquistado a palmos!  
 Via os ferros luzir e via... a morte,  
 No seu carro de sangue, percorrendo  
 As cerradas fileiras dos valentes  
 E nobres voluntarios.  
 O peito oppresso de profunda magua,  
 E vendo a morte dos heroes preclaros,  
 Em sonhos eu dizia:  
 «Mysterio insondavel! arcano profundo,  
 Dominio do mundo,  
 Que arrastas os homens no teu turbilhão!  
 Quem és, ó medonha, tyrânica morte,  
 Tão muda, tão forte,  
 Com a foice terrivel que trazes na mão?!  
 Do inferno mandada por negra vingança,  
 Com tanta pujança,  
 O' morte implacavel, nos vens immolar?»



OS MENSAGEIROS JAPONEZES

Ou és enviada de um Deus tão clemente  
 Que ao puro e innocente  
 Do mundo de enganos p'ra si quer chamar?

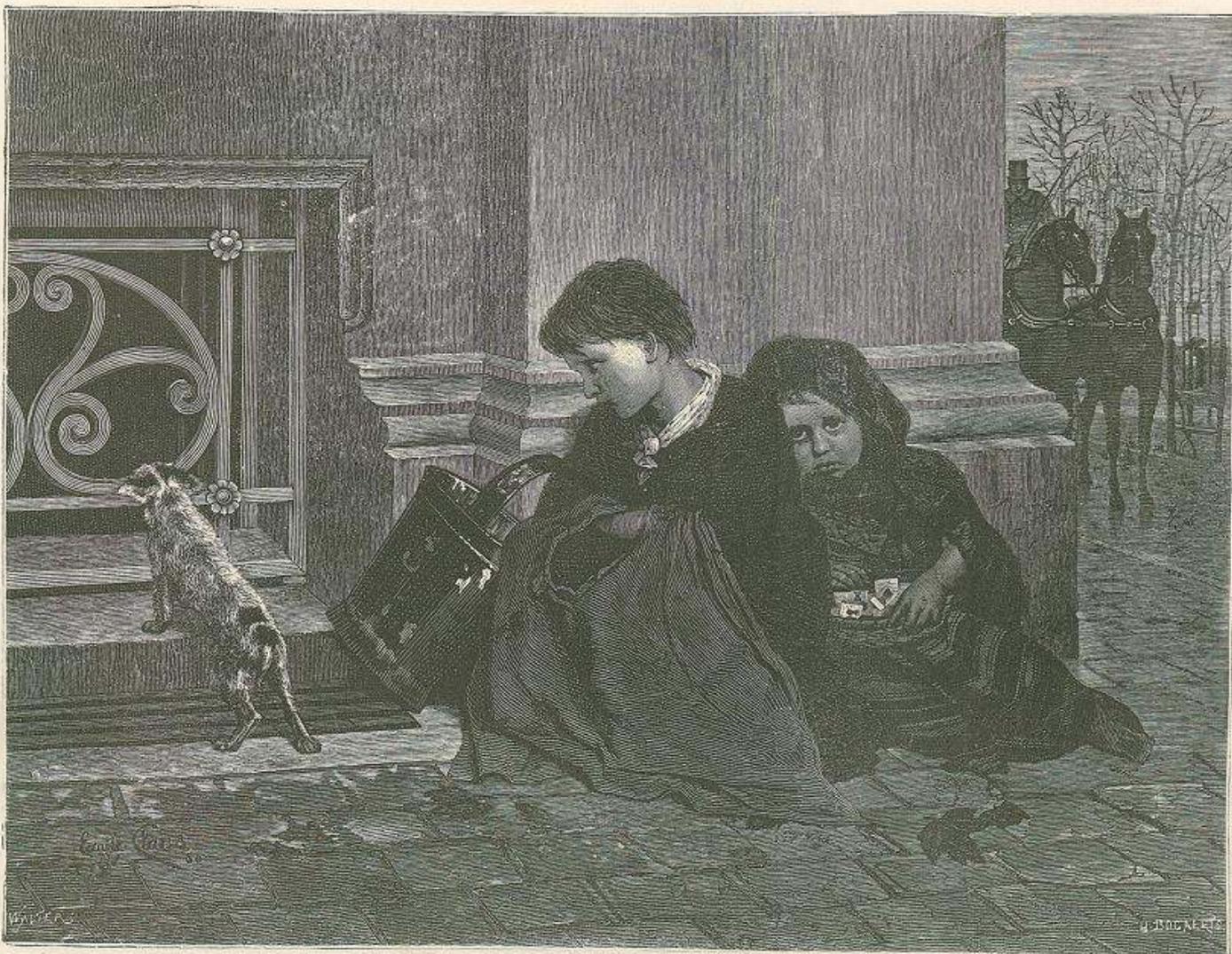
Quem és? quem te manda, sinistra rainha  
 Da terra mesquinha?  
 Dominio mais forte que o teu onde o ha?  
 Responde, maldieta! de que antro fugiste,  
 E p'ra que sahiste,  
 Se tantas desgraças espalhas por cá?!

Quem foi que o teu braço fadou de tal sorte?  
 Quem foi, negra morte?  
 Se no orbe terraqueo não poupas ninguem,  
 Responde, maldieta! — de tantas maldades,  
 De taes crueldades,  
 Poder tão cruento, diz, d'onde te vem?

Ao infante querido, que poisa contente,  
 Sorrindo innocente  
 Com as ternas miradas da mãe e do pae,  
 Lá vens com o teu bafo pestifero, damninho,  
 E o pobre filhinho  
 Suspira e sorrindo-se inanime cahe!

O filho bemdito do ceu, extremoso,  
 Que um pae carinhoso  
 Mais ama na terra por vê-o ancião...  
 É quando essa vida lhe é mais desejada  
 Que a vê ser coifada  
 Com a foice terrivel que trazes na mão!

O esposo adorado bem diz sua sorte  
 Que a meiga consorte



RIQUEZA E POBREZA

Vae dar-lhe n'um filho penhor que traduz  
As meigas varicias; apenas a querida  
Dá luz a outra vida,  
N'um beijo terrível lhe apagas a luz!

A virgem tão linda, tão pura qual rosa,  
Caminha ditosa  
C'o esposo querido a unir-se ao altar;  
Já sonha venturas, invejam-lhe a sorte,  
Porém... eis-te, ó morte!

E a virgem na esposa lá vacs empolgar!  
Quem és, pois? responde, cruel inimiga,  
Pra que eu te maldiga  
Com todas as forças que o odio em si tem!  
E's anjo demonio, visião ou chimera?  
Mas diz, morte fera!  
Poder tão temível diz,—d'onde te vem!

Quem é que te ordena que n'essas batalhas,  
Por entre as metralhas,  
Não poupes soldados heroes... oh! que o são!  
Esp'ranças, futuros, e glorias, e amor  
Lá cortas em flor  
Com a foice terrível que trazes na mão!

Que é d'elle esse bravo soldado bahiano,  
Galvão, o vet'rano  
Da andaz liberdade, que a patria salvou?  
Já velho nos annos, mas sempre animoso,  
Correu pressuroso  
Ao brado de guerra que a patria soltou.

Foi sua essa falla viril, portentosa,  
Que a hoste formosa  
De mil voluntarios lhe fez adunar;  
Foi seu — contra inimigo brutal, traçoceiro,  
O grito primeiro  
Que em plagas bahianas se ouviu reboar!

E cil-o a caminho, marchando apodado,  
Dos louros c'roado,  
Que em prélios passados ganhou no Brazil!  
E cil-o o valente, na frente dos bravos,  
Buscando os escravos  
Villões, inhumanos, do rég'to mais vil!

Surgiu! e qual raio na mão sua espada,  
Só d'honra temp'rada,  
Milhar's d'inimigos derruba no chão!  
E sempre cercado dos seus voluntarios,  
Illustres sacraríos  
Dos brios pond'rosos da heroica nação!

Terrenos ignotos, tão invias campanhas,  
Cruéis artimanhas  
Do vil paraguay, em nada o detem;  
Vae sempre marchando! marchando! marchando!  
De mortos juncando  
O campo inimigo que fica d'além!

Na mente relembra-lhe a honra subida  
Que á terra querida  
O excelso Monarcha prestára no dia  
Que ao vér as phalanges chegadas do Norte,  
Clamou d'esta sorte:  
•E sempre os bahianos! e sempre a Bahia!

As régias palavras tomou na memoria  
Como arrhas de gloria  
Pra noble provincia que lhe é mãe no amor;  
E erguendo essa fronte tisuada e rugosa,  
De louros formosa,  
Bradou: — «Dos bahianos vereis mais, Senhor!»

•Vereis que na guerra, com mil sacrificios,  
•Irão meus patricios  
•Punir esse imigo que é tão desleal!  
•Vereis que no campo da honra offendida,  
•Ou ficam sem vida,  
•Ou vingam a affronta da grei nacional!»

E disse! e lá marcha com os seus voluntarios,  
Illustres sacraríos  
Das glorias da Pátria, que tanto lhe qu'ria!

E em cada victoria se vê confirmada  
A palavra honrada:  
«E sempre os bahianos! e sempre a Bahia!» (\*)

Mas aí, que esses louros do heroe da batalha  
Com a negra mortalha,  
No centro dos bravos, a morte os cobriu!  
Sorrindo contente, depois da victoria,  
Brilhante de gloria,  
O chefe bahiano prostrado cahiu!

O' tétrea Morte! phantasma inhumano!  
¿ No teu negro arcano  
Terias a posse do excelso Galvão?  
¿ Não viste que um povo de luto cobrias  
Se o bravo ferias  
Com a foice terrível que trazes na mão?!

Acaso és mandada do inferno emissaria?  
Ou tu, louca e vária,  
N'esse igneo delirio não poupas ninguém?  
Responde, maldicta! de tanta maldade,  
De tal crueldade,  
Poder tão cruento, diz — d'onde te vem! —

Taes fallas soltava no meu negro sonho,  
Mas eis que medonho  
Phantasma temível me surge do chão!  
E' ella! a mortalha cobrindo-lhe a ossada!...  
E vem apoiada  
Na foice terrível que aperta na mão!

Os olhos sem orbita, o craneo alvejante,  
Surgiu-me diante  
Do leito, que em balde deixar logo quiz!  
As fauces sem labios o monstro escancara,  
Mui proximo pára...  
E estas palavras solemnes me diz:

«Como te atreves, poeta,  
A profundar os arcanos  
Que não podes entender,  
Que Deus occulta aos humanos?

Não sabes que a minha foice,  
Do Cen movida a contento,  
Da vontade omnipotente  
E só passivo instrumento?

Não chores, poeta, exulta!  
D'esse chefe tão valente  
O passamento na terra  
Dá-lhe a gloria eternamente!

Amor á Patria, tão grande,  
Symbolisa o amor a Deus!  
Qual seria o digno premio  
Que podiam dar-lhe os teus?

Do mundo loucas vaidades?  
Distinções, honras, riqueza?  
Que valem, se as compararmos  
De Deus á immensa grandezza?!

Não chores, poeta, exulta!  
Da Patria o martyr guerreiro  
Vae ser florão da aurea c'roa  
D'esse Imperio do Cruzeiro!

Deus o viu! quiz dar-lhe o premio;  
Deu-lhe dois com a eternidade:  
— Gloria infinda lá no ceu!  
Na terra... a POSTERIDADE!

E disse! e sumiu-se na occulta voragem  
A tetrea imagem!  
Acordo e prostrado me arrojto no chão:  
— Perdoa-me a audacia, Senhor justo e forte!  
E tu, fria morte...  
Respeito-te a foice que trazes na mão!

Recitada no theatro da Bahia, a 17 de Junho de 1866.

A. CESAR DE LACERDA.

(\*) Texturas palavras do Imperador, passando revista a uma divisão de voluntarios, no Rio de Janeiro.

## ANTIGUALHAS

Todos conhecem a morte horrível de Antonio José da Silva, o celebrado *Judeu*, auctor das *operas* do theatro do Bairro Alto.

Em ambos os processos que lhe moveu o Santo Officio, é accusado de culpas de judaismo. No primeiro fez confissão completa, e até denunciou pessoas da sua familia. Conseguiu ser posto em liberdade em 23 de outubro de 1726.

Onze annos depois, era novamente encarcerado, e a despeito de se haver provado a falsidade da declaração feita contra elle por uma escrava de sua mãe, os inquisidores, estribando-se nas denuncias de companheiros de prisão de Antonio José, e nos depoimentos de familiares que o e-pretaram da vigia do carcere, julgaram-n'o «convicto negativo, pertinaz e relasso no crime de heresia e apostasia», e relaxaram-n'o ao braço secular.

O infeliz poeta saiu no auto de fé de 18 de outubro de 1739, sendo o seu corpo consumido pela fogueira.

Do primeiro processo copiamos o auto do

### TORMENTO

Aos vinte e tres dias do mez de setembro de 1726 em Lisboa, n's Estaos e casa deputada para o tormento, estando ali em audiencia pelas nove e meia da manhã os srs. inquisidores João Alves Soares e Filippe Maciel e deputado D. Francisco d'Almeida, mandaram vir perante si a Antonio Joseph da Silva, reu preso contheudo n'estes autos, e sendo presente lhe foi dado o juramento aos Santos Evangelhos em que por sua mão sob cargo do qual lhe foi mandado dizer verdade, e ter segredo que tudo prometteu cumprir; e logo lhe foi dito que pela casa em que estava e instrumentos que n'ella via, entenderia facilmente quão rigorosa e perigosa era a diligencia que com elle se queria exercitar, a evitaria se quizesse acabar de confessar todas as suas culpas, e por dizer que não tinha mais culpas que confessar foi mandado para baixo, e chamados á meza os medicos e cirurgiões e mais ministros da execução do tormento, aos quaes foi dado juramento aos Santos Evangelhos, em que puzeram suas mãos, de bem e fielmente fazerem seus officios e terem segredo, o que tudo prometteram cumprir, e sendo o réo despojado dos vestidos que podiam servir de embaraço ao dito tormento, foi lançado no potro e, começado a atar, lhe foi protestado por mim, notario, em nome dos srs. inquisidores, que se n'aquelle tormento morresse, quebrasse algum sentido, a culpa seria sua e não dos srs. inquisidores e mais ministros que foram na sua causa, que a sentencaram conforme o merecimento d'ella, e, por dizer que não tinha mais culpas que confessar, se lhe continuou o tormento, e sendo atado em oito partes e levando n'ellas meia volta, que corresponde a um trato corrido a que tinha sido julgado, foi mandado desatar e levar a seu carcere, e duraria o dito tormento um quarto de hora em o qual gritou muito, e só chamou por Deus, e não por Jesus ou Santo algum.»

Depois da tortura, Antonio José ficou impossibilitado a escrever. Ainda nas peças do processo intentado onze annos mais tarde, assigna com uma letra vacillante. Pois o desgraçado soffreu o tormento por não ter querido denunciar sua mãe.

É isto o que consta da sentença inquisitorial, que determinou aquella diligencia.

Ao percorrermos as paginas amarellecidas dos volumosos processos do Santo Officio, sente-se por vezes tamanha indignação que até nos envergonha-

mos de ser homens, porque homens foram os inquisidores, esses facinorosos abjectos e cobardes, que davam tormento e morte em nome d'aquelle que morrendo, perdoou aos que o mataram.

JACOB.

## UM PASSADO TENEBROSO

(ROMANCE PELO AUCTOR DA HEROINA DO MAL)

(Continuado de pag. 111)

X

Celestina enganou-se. Quem entrou foi outro hospede.

Como Paulina lhe pedisse com instancia, que lhe deixasse ver o livro, em que figurava o nome do marido, Celestina, respondeu que tinha estabelecido para norma do seu procedimento não tocar em objecto algum dos seus clientes.

—Que mysterio haverá em tudo isto? exclamou Paulina.

—Nenhum, podes acreditar.

A viscondessa de Monaville reflectio um momento e disse á compatriota:

—Respeito os seus escrúpulos, achando-os contumacia, extraordinarios; é quasi noite... vou-me embora.

—Nem palavra sobre este acontecimento... muito, menos ao visconde.

Paulina á sabida encontrou Morlant, sem o reconhecer; apezar de já o ter visto em Hastière; elle, porém, reconheceu-a perfeitamente, e não ponde deixar de murmurar:

—Tão formosa! e tão desgraçada!

Paulina não pregou olho toda a noite; e posto que nada tivesse prometido a Celestina, decidio não contar ao marido coisa alguma; porém, foi tanta a preocupação e o desasossego, em que passou o dia, que á noite, estando sós, disse a Donaciano:

—Na primavera, que vem, levas-me á Sicilia, não é verdade?

—Levo, respondeu o marido.

—Pois então vou já começar a ler todas as viagens áquelle paiz encantador. Conheces um livro chamado: *Trez annos na Sicilia*, pelo marquez G. de B.?

—Tu lês ás escondidas?! exclamou o visconde tomado de assombro. Pois tenho a esse respeito principios muito rigorosos, que aprendi com meu pae. Quasi todas as obras, que hoje se publicam, não podem ser lidas por senhoras. Como conhecestes o livro, de que fallaste? Eu ignorava que elle existisse.

—Conheço apenas o titulo...

—E' prudente desconfiar sempre, porque os viajantes inventam toda a sorte de mentiras... Porque me fizeste essa pergunta?

—Porque indo hontem visitar Celestina, vi o livro, abri-o e deparei com o teu nome...

—E... e leste? perguntou o visconde com grande ansiedade.

—Não. Celestina, julgando que entrava o hospede, escondeu o livro.

—Não admira que o meu nome figure n'um livro de viagens. Conheço tantos escriptores!... Mas quem é o homem, em cujo quarto entraste?

—E' um advogado por nome René Morlant.

O visconde fez-se amarelo, verde, de todas as cores; tirou o relógio e disse:

—Oito horas! combinei estar com Luigi.

—Esse teu amigo rouba-me sempre a tua companhia. Desculpa dizer-te, mas antipathizo com elle solememente.

—Pois não tens razão. Aquillo é uma joia. Não estejas prevenida contra o pobre homem... Antes das dez horas estou de volta.

Donaciano deu um beijo na testa da mulher, que depois d'elle sahír, foi para ao pé dos avós, sem dizer palavra do que se acabava de passar.

Luigi San Marco tinha sahido de Bruxellas na vespera do casamento de Donaciano, e regressando agora, hsspedou-se n'um hotel junto á estação do Norte.

O visconde, tornando a vel-o, deu-lhe um abraço, e disse-lhe:

—Que mudança! affirmo-te que se te encontrasse na rua, de barba, cabello crescido, sem a tua luneta azul, tomava-te por outro.

—Pois esta mudança produziu o effeito desejado. Senta-te e ouve...

—Não posso. Tenho um negocio importantissimo a tratar. E'-me absolutamente necessario sahír de Bruxellas quanto antes...

—Que me dizes?

—Estou em grande perigo. Aquelle diabo de Morlant está hospedado em casa de Celestina, que para mim é ponto de fe que o auxilia nas suas indagações. E o maldito é sabedor de tudo o que succedeu nas margens do Anapo.

—Isso é impossivel!

—Elle tem o livro do marquez G. de B. e não o tem de certo por accaso. E para cumulo da desgraça minha mulher vio o livro, abriu-o e deu com o meu nome. Estamos ameaçados de grande temporal.

—Eu nada tenho que perder; mas tu!...

—Vamos ao facto. Desde que eu soube que andava um homem em Bacheru perguntando por Cladio Péchel, e que esse homem era mandado por Heitor Valenson, fiquei logo sobre brazas... E peor fiquei ainda quando me convenci de que Morlant fizera sua causa do amputado. Pude casar, ser senhor de uma bella fortuna, e agora quero ver a realisação dos meus sonhos depois da morte dos velhos Desherbiers; para isso é preciso empregar os meios.

—Que meios? perguntou o italiano.

—Donaciano, com a respiração offegante, suando em bica, respondeu.

—O meio é eliminar já, já o advogado! Custe o que custar!

—E' facil decidir; mas para o pôr em execução? Olha que Bruxellas não é bom logar para essas emprezas; e se tu corres risco deixando respirar livremente o amigo do teu coronel, ainda corres maior risco mandando-o d'esta para a melhor.

Donaciano prometteu uma boa somma antes e outra depois, e o italiano já se ia conformando com a ideia.

Assentaram em que Luigi San Marco, que ninguem era capaz de conhecer com as alterações que fizera no rosto, iria alugar um quarto que estava disponivel em casa de Celestina, defronte do do advogado. Appresentar-se-hia como inglez, gastando á larga, e trazendo muitas bagagens.

Eram onze horas quando Donaciano se separou do seu digno amigo.

XI

Logo que René Morlant, que fóra a Tony visitar o amputado, recebeu um telegramma de Celestina annunciando-lhe a chegada dos viscondes de Monaville, partio immediatamente para Bruxellas.

João Rotentout acompanhou-o á gare de Rbheims.

Conversavam pelo postigo do wagon, quando o comboio principiou a andar, com grande desespero de uma velha, que corria azafamada para cheegar a tempo.

—Valha-me Deus! dizia ella. Estes caminhos de ferro nem um minuto esperam pela gente!

E dirigindo-se ao creado de Heitor, perguntou-lhe:

—Poderei ainda hoje ir para Charleville com este bilhete?

Rotentout foi ter com um empregado e voltou dizendo:

—E' preciso esperar aqui umas quatro horas, e só chega lá de noite.

—Ora essa! Se eu pudesse voltar para Sillery?

—Vem de Sillery?

—Venho. Fui visitar uma cunhada, e fartei-me de procurar por toda a parentella Péchel.

—Péchel! exclamou Rotentout. Péchel!

—Conhece o nome?

—Pareceu-me que sim; mas não... conheci um sujeito chamado Pecqueur... Para matar o tempo vamos nós tomar alguma coisa alli defronte, aquelle botequim.

—Vá lá isso; uma Péchel não recusa um obsequio.

—Péchel! exclamou de novo Rotentout.

—O meu nome causa-lhe espanto. Diga-me porquê, ande; eu entro primeiro.

João Rotentout depois de sentar-se e pedir uma garrafa de Vouziers, disse:

—Desculpe-me; mas eu tenho o costume de repetir as palavras, que ouço. E' que fui gago em pequeno...

N'esta occasião entrou um carteiro, entregou varios jornaes, e João perguntou-lhe:

—O' Theodoro, tens alguma coisa para meu amo; se tens, dá cá... poupo-te esses passos.

—Aqui tens, respondeu o carteiro.

A velha lançou por accaso os olhos para os subscritos, e disse:

—Deixe-me ver isso! Teria eu lido bem! Heitor Valenson. Será possivel?

Rotentout olhou para ella como espantado.

—Conhece este nome?

—Ha mais Marias na terra; mas se é quem eu supponho, ninguem melhor do que eu sabe quem é. Eu sou natural de Charleville.

—Meu amo tambem.

—Oh! então não ha que duvidar; é o mesmo. Elle vive em Rheims?

—Em Rheims não; mas muito perto.

—Levo-me a casa d'elle; tenho a certeza de que ha de gostar de ver-me.

—Diga-me só uma coisa, accrescentou Rotentout. O seu nome é Péchel, não é assim?

—E a dar-lhe com o nome! Pois saiba que era o de meu primeiro marido. Eu chamo-me Anna Tultay. Fui creada dos paes de Heitor; trouxe o a collo muitas vezes, e por isso quero vel-o.

Dirigiram-se ambos para Tony, e o esperto creado de Valenson foi contando a dolorosa situação do amo, sem pronunciar nunca o nome de Claudio Péchel, porque estava persuadido de que a mulher era a mesma, que elle tinha ido procurar a Bacheru.

Chegados ao castello, João mandou entrar a companheira para um gabinete, e foi prevenir o amo, que mal podia acreditar na realidade do que se lhe dizia.

Momentos depois achava-se na sua presença Anna Tultay, viuva Péchel, e o amputado reconheceu effectivamente uma antiga creada de sua casa.

A pobre mulher desatou a chorar vendo-o n'aquelle estado, e Valenson depois d'alguns minutos de conversação, teve a certeza de que ella era a tia do celebre Claudio, que elle suppunha intitular-se visconde de Monaville.

Anna Péchel não podia demorar-se mais d'uma hora; mas prometteu voltar breve. Por isso Valen-

son julgou prudente não fallar no sobrinho. Apenas a velha se retirou, escreveu immediatamente a Morlant, participou-lhe o inesperado acontecimento, que sem duvida lhes daria o fio conductor do caminho, que tinham encetado.

## XII

No dia seguinte aquelle, em que Paulina fallara ao marido ácerca do livro, estava só n'uma pequena

—Pois então pede-lhe, sob qualquer pretexto, aquella obra, que tão exquisitamente me tiraste das mãos.

—Minha querida amiga, tu não conheces aquelle homem: é um verdadeiro urso; eu não me atrevo...

—Não foi isso o que me disseste; achavas-lo até muito amavel. Pois a primeira vez que eu fôr a tua casa, peço-lhe o livro.

—Não faças isso; pedir um livro ás escondidas de

n'aquellas viagens... Celestina sabe o que é, tirou-me o livro de um modo insolito, e meu marido ficou perturbado quando lhe fallei n'isso... Custe o que custar, hei de lel-o. Vou mandal-o comprar por um livreiro intelligente.

Principiou a escrever algumas linhas, chamou a creada, e recommendou-lhe que trouxesse resposta por escripto.

O livreiro respondeu a Paulina, que era optima



## UM PASSADO TENEBROSO — A dupla surpeza

ala, trabalhando n'um bordado, com o espirito inquieto pela ideia, que a não deixava dormir. Queria ir a casa de Celestina; mas o marido tinha-lhe recommendado que não sabbisse, porque desejava dar um passeio com ella.

Imagine-se a sua alegria ao ver entrar a amiga, que vinha visital-a.

—E o teu advogado já voltou? perguntou a viscondessa.

—Já; é impossivel que o não encontrasses.

teu marido, é uma inconveniencia, que não vale a pena fazer.

—Tens razão, tornou a viscondessa depois de reflectir um momento.

E Celestina sahio para ir cumprimentar os avós de Paulina.

Esta ficando só, principiou a andar agitadamente dizendo consigo:

—Não é possivel estar mais tempo n'esta anciedade. Eu vi o nome de Donaciano de Monville

fregueza, que dentro de pouco tempo lhe mandaria a obra, cujo titulo era: *Trez annos na Sicilia*, pelo marquez G. de B.

A viscondessa de Monville, tendo lido a resposta, rasgou-a, e acabava de deital-a no fogo, quando viu no espelho collocado sobre o fogão a imagem do marido, que tinha entrado, e dirigia-se para ella pé ante pé.

(Continua).